

A INTERNET COMO SUSTENTÁCULO DOS FIOS QUE TECEM O JORNALISMO NA HISTÓRIA NO TEMPO PRESENTE

José Milton Rocha¹

Resumo: O tempo que tece as ligações e movimentos do jornalismo e da história tem propiciado cada vez mais destaque nas discussões entre pesquisadores das duas áreas do conhecimento. Podemos citar um dos elementos catalizadores desse processo, os debates promovidos pela ALCAR, entidade que reúne pesquisadores sobre a história da mídia a cada dois anos, em encontros nacionais e regionais, desde 2007, quando aconteceu o primeiro evento, na FAMECOS da PUC-RS; além das publicações de Programas de Pós-Graduação. O acontecimento também é considerado por muitos teóricos como um elo entre o jornalismo e a história. Porém, há ainda outro viés capaz de aproximar esses campos do saber, a narrativa. No presente trabalho proponho uma discussão sobre esses movimentos de aproximação e distanciamento entre jornalismo e história, tecidos não apenas pelo tempo, ou mesmo pela narrativa, mas trazendo à baila também à luz do tempo presente, a internet; onde no tempo dos “agoras”, parece abrigar a todos, na convergência do ciberespaço. No caso específico vou analisar o cibermeio Dourados News, da segunda cidade do Mato Grosso do Sul, que usou para comemorar seus 13 anos de existência uma edição impressa. Percebe-se, aí certo recuo a um passado recente, ou quase presente, simbolizado pelo uso do papel, a coisa física para mostrar o feito do digital, articulando as temporalidades das duas versões de uma mesma publicação. Para construir a narrativa desse trabalho usaremos aporte referencial teórico de estudiosos que contemplem os campos envolvidos, citados, quais sejam: jornalismo, história, história do tempo presente, internet, entre outros. Este estudo é parte do projeto de pesquisa de doutorado em História que estamos desenvolvendo no PPGH-UFGD, no Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Dourados. Mídia on-line. História. Tempo presente. Cibermeio.

INTRODUÇÃO

O tempo que sempre regeu as relações dos jornalistas no processo de produção das notícias e sua publicação, fazendo palpitar mais aceleradamente a rotina das redações, certamente, continua cadenciando esse movimento, só que agora, de uma forma mais ubíqua, mais convergente. De maneira definitiva, a internet expandiu o conceito de tempo-espaço,

¹ Aluno do Curso de Doutorado em História no PPGH-UFGD, mestre em Comunicação (UFMS), jornalista, com Especialização em Economia para Jornalistas Caen/UFC. E-mail: milton0444@gmail.com. Bolsista da Capes.

uma vez que não há mais o famoso *dead line*, hora limite de entrega da matéria para ser publicada. O espaço parece ter ficado infinito, antagonizando, assim, com o tempo limite que o repórter tinha para entregar uma matéria, com tamanho e tempo sincronizados para caber na página. Sem falar das possibilidades de última hora: “derrubarem” a matéria, ou seja, os acontecimentos mais urgentes, ou mesmo questões comerciais de última hora, que ganhavam prioridade. Tudo isso agora parece coisa do passado, de um passado bem recente é bem verdade.

Nesse trabalho, pretendemos falar sobre o movimento de aproximação do jornalismo e da história, a partir do sustentáculo que faz convergir as duas ciências para esse suporte que a cada dia altera as relações do homem com ele mesmo e, com as coisas ao seu redor, a internet. Para (Castells, 2012), a internet funciona como o coração desse novo paradigma social-tecnológico da globalização que coloca todas as sociedades em rede, o que ocorre também com os conhecimentos produzidos por estas sociedades. Mas que também parece acelerar mais o tempo. Retornaremos sobre essa questão da aceleração do tempo mais na frente.

O tempo, que tece as ligações e os movimentos do jornalismo e da história, tem oportunizado cada vez mais destaque nas discussões entre pesquisadores das duas áreas do conhecimento. Um dos elementos catalizadores desse processo, em termos de Brasil, pode ser visto nos debates promovidos pela ALCAR², entidade que reúne pesquisadores sobre a história da mídia a cada dois anos, em encontros nacionais e regionais, desde 2007, quando aconteceu o primeiro evento, na FAMECOS da PUC-RS; além das publicações de Programas de Pós-Graduação das duas ciências.

O historiador Maximiliano (Vicente, 2009) enxerga uma relação de conflito e afinidade, na conexão entre história e comunicação, pois para ele, a similaridade decorre da proximidade e da convergência das duas ciências. A história e a comunicação “coincidem na sua finalidade, ou seja, na compreensão e na decodificação da formação da sensibilidade”, o que torna necessário, todavia, “identificar quais os procedimentos usados na construção de narrativas explicativas dos fatos sociais” (VICENTE, 2009).

A história, por sua vez, produz elementos que ajudam a construir o entendimento e a compreensão dos contextos em que ocorrem os acontecimentos que constroem a trajetória e a

² ALCAR – Rede Alfredo de Carvalho, ou Associação Brasileira de Pesquisadores da História da Mídia, criada em abril de 2001.

memória de uma sociedade. Por isso, a história, em sintonia com a comunicação pode representar, também, o fio condutor das transformações sociais, tecnológicas, comportamentais e culturais desta sociedade (ROCHA, 2014).

Se a história mantém proximidade e convergência com a comunicação pelas razões já expostas, não há exagero em dizer que elas estão agora, mais juntas, em função do avanço das tecnologias - nos referimos às tecnologias da informação, informática e comunicação, as TICs, além da internet - e conseqüente convergência tecnológica e cultural (Jenkins, 2013) que fez as duas ciências desembocarem na web³.

Na visão de (Bresciano, 2010), a prática historiográfica, ganha novas perspectivas, pois passa a considerar a possibilidade de novos olhares sobre o passado. Mas ele ressalta, contudo, algumas questões sobre a temporalidade, ou mesmo disponibilidade dos documentos digitais tais como o acesso às fontes e as formas atuais de difusão massiva, a conservação de documentos que pela própria natureza do suporte web tendem a ser descartados rapidamente. Pela constante atualização de dados e desenvolvimento de softwares, entretanto, é necessário ressaltar a possibilidade de desenvolvimento de novos repositórios.

Não se pode esquecer, contudo, que o acontecimento e a narrativa também se fazem presente no rol dos elementos considerados por historiadores como elos de aproximação do jornalismo com a história. No presente trabalho, porém, proponho uma reflexão sobre movimentos de aproximação e distanciamento entre jornalismo e história, tecidos não apenas pelo tempo, ou mesmo pela narrativa, mas principalmente à luz do tempo presente, a internet; onde o tempo dos “agoras”, parece abrigar a todos, na convergência do ciberespaço⁴ (Jenkins, 2013; Lèvy, 2010). No caso específico, vamos analisar o cibermeio⁵ *Dourados News*⁶, da segunda cidade do Mato Grosso do Sul, que usou para comemorar seus 13 anos de existência uma edição impressa conforme (Figura 1).

³ Web é uma plataforma de transmissão de informações com recursos multimídia, através da estrutura física da Internet.

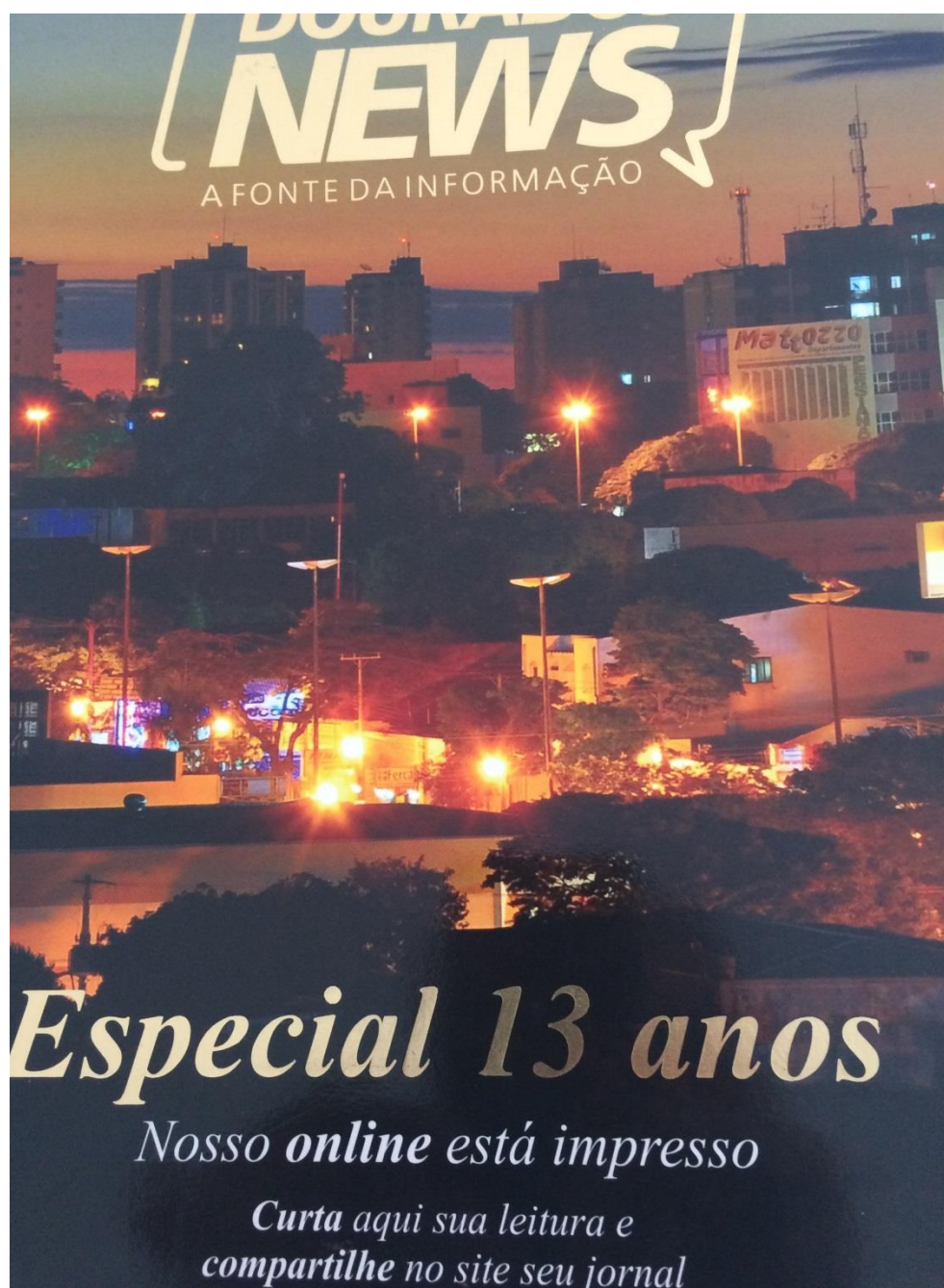
⁴ A palavra ciberespaço foi criada em 1984, por William Gibson, em seu romance de ficção científica *Neuromancer*. O termo, no livro, refere-se ao universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais. O termo foi imediatamente retomado pelos usuários de redes digitais. Para Lévy (2010), ciberespaço é o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores.

⁵

⁶ www.douradosnews.com.br.



Figura 1 – Capa da Revista comemorativa dos 13 anos do Dourados News.



Fonte: Dourados News.

Percebe-se, aí, certo recuo a um passado recente, ou quase presente, simbolizado pelo uso do papel, a coisa física para mostrar o feito do digital, articulando as temporalidades das duas versões de uma mesma publicação. Para construir a narrativa desse trabalho usaremos aporte referencial teórico de estudiosos que contemplem os campos envolvidos, citados, quais sejam: jornalismo, história, história do tempo presente, internet, entre outros. Este estudo é

parte do projeto de pesquisa de doutorado em História que estamos desenvolvendo no PPGH-UFDG, no Mato Grosso do Sul.

OS ARQUIVOS DIGITAIS E A QUESTÃO TEMPORAL

O historiador francês Jacques Le Goff (2003) percebe o tempo como a matéria fundamental da história. Ao longo da caminhada da humanidade, a cronologia tem desempenhado papel de destaque nesse processo “como fio condutor e ciência auxiliar da história”. Assim, na construção da representação social do papel da mídia, não se pode deixar de olhar para trás e perceber o caminho percorrido por ela, até aqui, e, como se deu essa trajetória. Por isso, ao se referir ao encontro do passado com o presente, o autor francês observa que a construção da memória a partir “da experiência individual e coletiva tende a introduzir, junto destes quadros mensuráveis do tempo histórico a noção de duração, de tempo vivido, de tempos múltiplos e relativos, de tempos subjetivos ou simbólicos”, uma vez que o “tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e alimenta” (LE GOFF, 2003).

A História do Tempo Presente surge como horizonte onde é possível trabalhar a internet não só como fonte ou objeto, mas aberta a outras possibilidades metodológicas. De acordo com (Rioux, 1999), munido de sua caixa de instrumentos, o historiador passa a criar um passado a partir das tecnologias e teorias que lhe asseguram no presente, além do “famoso recuo no tempo”. Na teoria da história temos exemplos dos embates envolvendo a seleção de fontes na construção das narrativas históricas e, cada qual em seus regimes de historicidades (Hartog, 2014). O que parece inquietar bem os historiadores é o suporte em que as fontes são guardadas, mas elas se encontram em arquivos, acervos pessoais e bibliotecas, ou seja, em locais físicos; já na Internet, elas são guardadas em espaço virtual. Ressaltamos, porém, uma característica da internet é que, nem sempre, os arquivos digitais estão disponíveis, ou por serem temporários, ou mesmo por questões como a capacidade dos bancos de dados.

Roger Chartier, em seu livro “*A história ou a leitura do tempo*”, de 2009, também aborda a relação da história com a revolução digital e pondera sobre vários aspectos do processo recente. O teórico faz ainda uma reflexão sobre os efeitos desse novo processo no interior do campo historiográfico, os impactos da transformação no trabalho do pesquisador,

no trabalho de produção do saber histórico, nas questões teóricas e metodológicas da digitalização na cultura, entre tantos outros pontos.

Para (Chartier, 2009), o historiador do tempo presente, por sua capacidade de construir observatórios ajustados às suas preocupações, parece estar em condições de superar os entraves que classicamente limitam a investigação histórica. Portanto, o historiador que se lança nas pesquisas que envolvem a internet, e que se propõe trabalhá-la como fonte, deve comprometer-se com as especificidades que ela traz, como as citadas. Não se pode simplesmente transpor metodologias; a forma de se trabalhar com a fonte virtual ainda está por se fazer, esse é um dos aspectos o que caracteriza este trabalho. Tais fontes trazem à cena uma infinidade de abordagens possíveis de como entender a internet como campo da cultura escrita, ou mesmo, de uma cultura social do tempo presente.

O excesso de informação, em circulação, que povoa o cotidiano da sociedade contemporânea, tende a provocar uma fadiga comunicacional, além de dar a impressão de que uma aceleração temporal provoca certo deslocamento do homem na sua relação tempo-espço-lugar, alterando completamente essa temporalidade espacial. Para o filósofo espanhol (Innerarity, 2011), as novas tecnologias criam uma cultura do presente que carece de profundidade temporal, em função do fascínio que a velocidade e a aceleração exercem sobre ela, nas palavras de Bauman (2007), a cultura da liquidação, da descontinuidade e do esquecer. E o que seria a nova forma de noticiar, a partir do uso da internet, quando a pirâmide invertida (Genro Filho, 1987), uma técnica de construção da notícia com mais de um século, pode aparecer deitada na web (Canavilhas, 2001), quando o texto passa à hipertextualidade, pela possibilidade oferecida de abertura de novo links sobre o mesmo assunto? Uma navegação proporcionada por essa tecnologia que torna a comunicação ubíqua (SANTAELLA, 2013).

Contextos como esse começam a frequentar a escrita da história, porque é necessário historicizar esse fenômeno mundial, construir a historiografia dessa revolução promovida pelas TICs e pela internet, notadamente esta, pois como afirma o sociólogo espanhol (Castells, 2012), ela, a internet “é o coração de um novo paradigma sóciotécnico, que se constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação”. Se há uma aceleração no tempo, esse fenômeno também produzirá repercussão na própria, história, se tomarmos o tempo como matéria prima da

história como propõe (Le Goff, 2003). Não se pode desconhecer, todavia, o poder que a tecnologia tem de promover novas sensibilidades, que podem ser percebidas também no fazer jornalismo no imediatismo do tempo presente, o que não deixa de ser uma aceleração da história, já observada por (NORA, 1993).

O TEMPO DA HISTÓRIA E O TEMPO DO JORNALISMO

A historiografia da imprensa já é um campo de conhecimento bastante avançado, que registra trabalhos tanto dos impressos (jornais e revistas), quanto do rádio e da televisão, por serem veículos também consolidados na sociedade pós-moderna. Os estudos da pesquisa histórica sobre os meios de comunicação se tornaram mais intensos a partir das últimas décadas do século passado, ampliando, assim, fontes e objetos, que se relacionam com a necessidade de problematizar a multiplicidade de informações na construção do conhecimento acadêmico (Perli, 2012). Assim, cada vez se percebe a presença de pesquisas que usam a imprensa tanto como fonte quanto como objeto de investigação, na escrita da história. Aos poucos, ainda que de forma tímida, começam a surgir, porém outra modalidade de pesquisa, trabalhos que historicizam a internet.

Sobre o fato de a textualidade eletrônica afetar, de forma, mais direta a recepção do discurso histórico, em seus clássicos elementos da prova do discurso histórico, citação, referência e nota, (Chartier, 2009) reconhece como uma mutação epistemológica que transforma essas técnicas de provas e a validação do discurso do saber. Já que “a textualidade eletrônica, de fato, transforma a maneira de organizar os argumentos históricos, ou não, e os critérios que podem mobilizar um leitor para aceitá-las ou rejeitá-las (Chartier, 2009). Sobre o trabalho do pesquisador, o teórico destaca a possibilidade que terá de poder desenvolver demonstrações segundo a lógica hipertextual, possibilitada pela internet; não linear, ou dedutiva como é a que impõe a inscrição, seja qual for a técnica de texto em uma página, pois a ferramenta permite uma articulação aberta, fragmentada, relacional do raciocínio, tornada possível pela multiplicidade das ligações hipertextuais, através dos links. Quanto ao leitor, ele poderá validar ou rejeitar essa dinâmica, a partir da consulta de textos, imagens móveis ou fixas, áudio e vídeos, agora, as modalidades de prova, construção e validação do discurso do saber. Afinal, no tempo dos “agoras”, a notícia é lida, vista e ouvida, quase de forma simultânea e instantânea, na mesma plataforma.

Nesse cenário algumas questões nos inquietam. Por exemplo, como e quando se dá o

processo de mudança do impresso para a internet? Em que momento ocorre essa mutação? O que significa isso, em termos de produção de conteúdo informativo? E como é percebida a relação tempo espaço?

A pesquisadora em jornalismo on-line Thaís de Mendonça Jorge, com vasta experiência no trabalho de construção da notícia em grandes jornais do país, em livro sobre sua tese de doutorado, *Mutação no jornalismo: como a notícia chega à internet*, lançado em 2013, reflete sobre o processo de reconfiguração, na perspectiva de que a notícia na internet seria uma nova forma de adaptação do jornalismo às transformações da sociedade. A nossa proposta de pesquisa do doutorado é investigar quatro veículos de Dourados, segundo maior município de Mato Grosso do Sul, com uma população aproximada de 210 mil habitantes. Os dois jornais impressos: *O Progresso* e o *Diário MS*, quando e como eles entraram na rede, embora ainda, mantenham também a versão impressa; o jornal *Folha de Dourados* que abandonou a versão impressa e, agora, está apenas na internet; além do cibermeio⁷ *Dourados News*⁸, criado em 2000, originariamente no e, para o ciberespaço.

A ideia é produzir um histórico de cada um deles, fazer um comparativo sobre aspectos como as propostas editoriais, tipos de notícias que veiculam, estrutura que apresentam suas diferenças e aproximações, na disputa pelo seu público, se é que eles têm públicos definidos, específicos. Mas principalmente investigar se, ao entrar no ciberespaço, eles produzem as notícias de acordo com as possibilidades oferecidas por esse vasto manancial tecnológico das TICs, observando, todavia, os estados de mudanças e permanências nas alterações procedidas.

Para esse evento, trouxemos um recorte, trabalho que aborda alguns aspectos da versão impressa comemorativa dos 13 anos de existência do site *Dourados News*. No entendimento de (Johnston, 1991), citado por (Matheus, 2011), a comemoração estaria relacionada à necessidade de o homem ritmar sua existência, o que seria uma forma de usar o passado como efeméride, ou seja, “as edições especiais ensinam como o passado do país deve ser percebido e principalmente sobre o papel do jornalismo”, além de promoverem efeito

⁷ Conceito aplicado pelo teórico em comunicação, o espanhol Ramon Salaverría (2005) ao meio de comunicação social que emprega o ciberespaço como âmbito de difusão pública de informações jornalísticas. Veículo, cujo conteúdo é feito a partir da, e para a internet.

⁸ www.douradosnews.com.br.

narrativo de continuidade em relação à origem dos periódicos. É o que podemos perceber em relação a revista do *Dourados News* (Figuras 2 e 3).

Figura 2: Página internas da edição comemorativa dos 13 anos do *Dourados News*.



Fonte: *Dourados News*.

A edição com quase 100 páginas, considerada de luxo pelo seu acabamento e o papel utilizado, couché, a revista traz 18 reportagens entre matérias e entrevistas, algumas com mais de uma página. Foi editada em dezembro de 2013 e sua versão online ficou hospedada por alguns meses, no site, mas não está mais, por ser comemorativa, segundo o editor do site, Adriano Moretto. Como não poderia ser de outra forma, a edição traz uma pequena retrospectivas dos principais fatos que marcaram a história do país, do estado e principalmente o município de Dourados nos últimos 13 anos, fatos estes mostrados nas páginas do próprio jornal. Na Figura 2, podemos ver um painel de fotos do criador, o pecuarista, escritor e ecologista Primo Fioravante e os primeiros editores, os jornalistas Clóvis de Oliveira e Antônio Coca e Andreia Medeiros, primeira administradora e hoje, proprietária do veículo.

Figura 3: Revista comemorativa dos 13 anos do *Dourados News*.



Fonte: *Dourados News*.

Para (Matheus, 2011), a função comemorativa é a simbolização do jornal e do jornalismo num ritual de autoafirmação, mas que também não são continuidade das relações de produção de em jornal, porque apresentam uma marcação gráfica e editorial explícitas e específicas com chamadas publicitárias próprias dessas edições. Nesse caso, em particular, queremos mostrar as duas plataformas, ainda que por um curto período, conviveram, ou seja, a versar on-line e a, impressa, ainda que marcadas por distinções que o momento exigiu. Podemos ainda perceber o recuo do tempo, nas páginas da versão comemorativa não só pelos fatos nela noticiados, ou rememorados, mas também pela representação da realidade de um passado recente em recortes do cotidiano que marcou a sociedade a que o veículo está a serviço. E nesse passado está presente a própria dificuldade que a novidade da “nova” plataforma informativa apresenta conforme a Figura 3.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante observar que a realidade atual do cenário da comunicação possibilita a sociedade contemporânea navegar pelas informações intertextuais, onde a construção da narrativa além de envolver elementos transmídia transforma o consumidor do conteúdo também em seu produtor; ou seja, copartícipe do processo de produção. Portanto, a construção de uma narrativa transmídia exige o desenvolvimento de estudos em que sejam revisadas as teorias de comunicação, válidas para os antigos meios e questionáveis para os digitais atuais (RENÓ, 2013), mas principalmente contemplem as linguagens e os conteúdos destes “novos” meios e suas linguagens.

Nesse sentido, Muniz Sodré (2010) observa que à medida que as tecnologias reconfiguram a escrita, com o leitor exercendo um papel mais ativo, alteram também o código de leitura, tornando-a transmidiática. Esse processo provocaria outra mudança, ligada aos critérios de noticiabilidade e de conceituação, além da própria produção da notícia, que leva o autor a afirmar: “Nesse novo fluxo, começamos a ler e a ouvir de modo diferente. A pesquisa jornalística não pode passar ao largo dessa transformação” (SODRÉ, 2010).

Por outro lado, é importante destacar que o jornalismo em muitos momentos serviu de fontes de pesquisas, em função da sua atividade social e de conhecimento como observa Nilson Lage, por exemplo, quando destaca que o jornalismo descende da mais antiga e singela forma de conhecimento, independente da tecnologia a que se sirva para sua feitura e circulação. Nessa linha de raciocínio, Meditsch (1997) constrói um percurso teórico, apoiado em estudos de autores que associam o jornalismo ao conhecimento, que vão da abordagem de Robert Park, passando por William James, Walter Benjamin, Nilson Lage e Genro Filho.

A construção ou produção do conhecimento, portanto, seria mais um elo de aproximação dos tantos já citados aqui, entre o jornalismo e a história. Embora o cerne do nosso trabalho seja o contexto da internet e do mundo interconectado por ela, em forma, de redes, sejam pessoais, ou digitais; nunca é demais lembrar que, no momento, em que vivemos e processamos esses ambientes virtuais, nos parece de importância sobremaneira, propostas de estudos que nos ajudem a encontrar os escaninhos possíveis dessas redes, onde nem sempre enxergamos com clareza seus dutos, nem onde eles nos levarão, exatamente. Portanto, devemos estar *linkados* no propósito de encontrá-los. Ainda que que isso aconteça por meios

dos múltiplos fios que tecem o jornalismo no tempo presente com seus recuos necessários, ou inevitáveis e onde a internet surge como esse grande sustentáculo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marinalva. **Como escrever uma história da imprensa?** Artigo apresentado no GT História do Jornalismo, no II ALCAR, em Florianópolis, SC, entre 15 e 17 de abril de 2004;

BRESCIANO, Juan Andrés. **La historiografía en el amanecer de la cultura digital.** Uruguay: Ediciones Cruz del Sur. 2010;

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007;

CANAVILHAS, J. **Webjornalismo:** considerações gerais sobre jornalismo na web. BOCC. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjournal.pdf>. Acesso em 19.01.2017.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis (Org.). **Por uma outra comunicação:** mídia, mundialização cultural e poder, 6ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2012;

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo.** Tradução: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009;

CHAUVEAU, A; TÉTARD, Ph (Orgs.). **Questões para a história do presente,** Tradução: Ilka Stern Cohen. Bauru: Edusc, 1999;

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** - para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, RS: Tchê, 1987;

HARTOG, François. **Regimes de historicidade:** Presentismo e experiência do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014;

INNERARITY, Daniel. **O Futuro e os seus Inimigos. A paisagem temporal da sociedade contemporânea. Uma teoria da aceleração.** Lisboa, Portugal: Teorema, 2011;

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** Tradução Suzana Alexandria; 4ª reimpressão. São Paulo: Aleph, 2013.

JORGE, Tahis Mendonça. **Mutação no jornalismo:** Como a notícia chega à internet. Brasília: Unb, 2013;

LE GOFF, Jacques. **História e memória,** 5ª edição. Campinas, São Paulo: Editora da Unesp, 2003;

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 2010;

MATHEUS, Letícia Cantarela. **Comunicação, tempo, história:** tecendo o cotidiano em fios jornalísticos. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2011;

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** BOCC, 1997. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismoconhecimento.pdf>. Acesso em: 10.01.2017;

NORA, Pierre. **Entre memória e História:** a problemática dos Lugares. Projeto História, São Paulo n. 10, dez, 1993.

PERLI, Fernando. **O uso de impressos na pesquisa histórica:** uma experiência com jornal de movimento social. In: PERLI, et al. (Orgs.), Pesquisas humanas: múltiplos olhares. São Paulo: Scortecci, 2012;

RENÓ, Denis. **Diversidade de modelos narrativos para documentários transmídia.** Doc On-line, n. 14, agosto de 2013, www.doc.ubi.pt, pp. 93- 112. Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/14/dossier_denis_reno.pdf. Acesso em: 10.12.2015;

RIOUX, Jean-Pierre. Entre a História e o Jornalismo. In: CHAUVEAU, A; TÉTARD, Ph (Orgs.). **Questões para a história do presente**, Tradução: Ilka Stern Cohen. Bauru: Edusc, 1999;

ROCHA, José Milton. **O ‘Glocal’ no ciberjornalismo regional:** análise dos sítios de webnotícias de Dourados, 2014. Disponível em: <http://mestrado.comunicacao.sites.ufms.br/files/2014/05/DISSERTA%C3%87%C3%83-O-MILTON-GLOCAL-2014.pdf>. Acesso em: 10.12.2016;

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua:** Repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013;

SALAVERRÍA, Ramón (Coord.). **Cibemedios:** El impacto de internet em los médios de comunicación em Españã. Sevilla: Comunicación Social ediciones y publicaciones, 2005;

SODRÉ, Muniz. **Jornalismo como campo de pesquisa.** Revista Brazilian Journalism Research, vol. 6, n 2, 2010. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/13>. Acesso em: 10.12.2015;

VICENTE, Maximiliano Martin. **História e Comunicação na nova ordem internacional.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009;